

MARILIA MOROSINI  
ORGANIZADORA

# GUIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA





# **GUIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA**



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**Chanceler**

Dom Jaime Spengler

**Reitor**

Evilázio Teixeira

**Vice-Reitor**

Jaderson Costa da Costa

**CONSELHO EDITORIAL**

**Presidente**

Carla Denise Bonan

**Editor-Chefe**

Luciano Aronne de Abreu

Adelar Fochezatto

Antonio Carlos Hohlfeldt

Cláudia Musa Fay

Gleny T. Duro Guimarães

Helder Gordim da Silveira

Lívia Haygert Pithan

Lucia Maria Martins Giraffa

Maria Eunice Moreira

Maria Martha Campos

Norman Roland Madarasz

Walter F. de Azevedo Jr.

*Marilia Morosini*  
*Organizadora*

## **GUIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA**



PORTO ALEGRE  
2019

© EDIPUCRS 2019

**CAPA** Thiara Speth

**DIAGRAMAÇÃO** Maria Fernanda Fuscaldo

**REVISÃO DE TEXTO** Carol Ferrari

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o *QR Code* e confira!



**Editora Universitária da PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33  
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone/fax: (51) 3320 3711  
*E-mail:* edipucrs@pucrs.br  
*Site:* www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

G943 Guia para a internacionalização universitária / Marília Morosini organizadora. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2019.  
265 p

ISBN 978-85-397-1305-9

1. Ensino superior. 2. Universidades e faculdades –  
Administração. 3. Universidades e faculdades. I. Morosini,  
Marília.

CDD 23. ed. 378

---

**Clarissa Jesinska Selbach CRB 10/2051**  
**Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do *Código Penal*), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

## COMO INTERNACIONALIZAR A UNIVERSIDADE: CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS

MARILIA MOROSINI

*Internacionalização é sinônimo de qualidade!*  
*Internacionalização traz sustentabilidade!*  
*Internacionalização forma o profissional para o mercado!*  
*Internacionalização forma o cidadão global!*  
*Eu preciso internacionalizar a minha instituição!*  
*Ah! Que dúvida?*

### **Concepções sobre internacionalização da educação superior**

As expressões acima, poder-se-iam elencar muitas outras, refletem a ambiguidade e as incertezas que envolvem a internacionalização da educação superior no Brasil. Ela se constitui em uma ameaça simbólica, uma espada sobre a cabeça dos gestores e de muitos que estão imbricados com o assunto. Não importa o país, seu desenvolvimento socioeconômico, e nem mesmo a instituição. Essa pressão, anteriormente, estava restrita a pós-graduação, adentra, hoje, a graduação.

Contribui para isso a acelerada **expansão** da educação superior. De um sistema para a elite, passa a ser de massa e talvez, em alguns países, universal. (TROW, 2010) A média mundial de matriculados em instituição

de educação superior, em 2000, era de 19% e em 2015 de 36%. Essas porcentagens variam: na Europa e América do Norte, de 56% passou para 75%. Na América Latina e Caribe, embora com valores menores, a taxa de crescimento é superior a 50%; de 22% para 46%. (UNESCO, 2018)

A expansão veio acompanhada da **diversificação da educação superior**. A torre de marfim – figura mitológica de uma instituição universitária, que por muitos séculos, desde o período feudal, se mantinha quase que imexível, atendendo a poucos, com rígidos padrões de ensino e guardiã dos valores da humanidade, busca a transformação e se flexibiliza. Inclusive, é questionada quanto a ser a única fonte de formação de recursos de humanos de alto nível para a Sociedade do Conhecimento. Outros buscam assumir a sua função ou, até mesmo, superá-la. São criados diversos tipos de instituições, diversos cursos, centrados na aprendizagem e em metodologias ativas, novos perfis de estudantes, avaliados por competências e novas perspectivas de formação. Mas, o comum nessa flexibilização, é ser transpassada pela Internacionalização.

Esta é a moda, e traz consigo múltiplos interesses e diversos setores envolvidos e, conseqüentemente, inúmeros olhares.



A principal razão do interesse pela internacionalização da educação superior veio com a **globalização**: globalização e Internacionalização, são conceitos imbricados (MOROSINI, 2019) e apresentam fases dessa relação: a pré-globalização e a globalização (ALTBACH, DE WIT, 2015).

Na pré-globalização, a internacionalização tradicional era natural às universidades. Via de regra, não era um negócio, mas conferia prestígio às IES e potencializava a competitividade de seus egressos. Era com foco na pesquisa e a autonomia do pesquisador fornecia suporte. Já a globalização da internacionalização se fundamenta no paradigma da Sociedade do Conhecimento, em que ele é o capital a ser buscado e tem preferencialmente sua essência na formação de recursos humanos de alto nível, que

ocorrem nas instituições universitárias. O cerne é a função ensino e se propõe a considerar a educação superior como serviço.



A **qualidade** passa a ser fator imprescindível e é criado um arcabouço complexo de garantia da qualidade com agências acreditadoras e rankings avaliativos (MOROSINI, 2010).

E, como um dos critérios de maior qualidade, se destaca a internacionalização. Mas conceituar a qualidade está dependente de quem a está olhando. Muito se poderia escrever sobre a relação internacionalização – qualidade. Mas isso já está feito!

Estamos ainda na fase da globalização com uma tendência a complementaridade de orientação, da UE e dos USA para o oriente, principalmente a China.

Por muito tempo o fator predominante da internacionalização trouxe uma perspectiva de atração de estudantes estrangeiros (CLIFFORD, V., HAIGH, M. 2018) entre países do norte global, entre países do sul-global para o norte global, numa perspectiva de formação para o mercado globalizado no qual a competitividade exigia competências não só cognitivas, mas também socioemocionais.



A internacionalização é um **meio** para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global.

Neste entendimento, organismos internacionais, principalmente a UNESCO, procuram disseminar uma outra noção imbricada com a internacionalização. É uma noção que busca o desenvolvimento sustentável e seus 17 objetivos (ODS) e estabelecem uma Agenda Global para 2030 (ONU, 2015). Sob a ótica da educação se configura no quarto Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável (4. ODS) – *Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade*,

*e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.* No bojo dessa perspectiva se coloca a construção da cidadania global, apoiada na concepção de ECG – Educação para a Cidadania Global.

No cenário do **desenvolvimento sustentável e da cidadania Global** se reconhece

[...] relevância da educação para a compreensão e a resolução de questões globais em suas dimensões sociais, políticas, culturais, econômicas e ambientais. Também reconhece o papel da educação em ir além do desenvolvimento do conhecimento e de habilidades cognitivas e passar a construir valores, habilidades sócio emocionais e atitudes entre alunos que possam facilitar a cooperação internacional e promover a transformação social. (UNESCO, 2015, p.9)

A UNESCO continua sua explanação da importância da internacionalização para que se desenvolva:

- uma atitude apoiada por um entendimento de múltiplos níveis de identidade e o potencial para uma *identidade coletiva* que transcenda diferenças individuais culturais, religiosas, étnicas ou outras;
- um conhecimento profundo de questões *globais e valores universais* como justiça, igualdade, dignidade e respeito;
- habilidades cognitivas para pensar de forma crítica, sistêmica e criativa, incluindo a adoção de uma abordagem de *múltiplas perspectivas* que reconheça as diferentes dimensões, perspectivas e ângulos das questões;
- habilidades *não cognitivas*, incluindo habilidades sociais, como empatia e resolução de conflitos, habilidades de comunicação e aptidões de construção de redes (networking) e de interação com pessoas com diferentes experiências, origens, culturas e perspectivas; e

- capacidades comportamentais para *agir de forma colaborativa* e responsável a fim de encontrar soluções globais para desafios globais, bem como para lutar pelo bem coletivo. (UNESCO, 2015, p.9)



Na direção de uma educação planetária, a **internacionalização e a interculturalidade** são conceitos fundantes e se apresentam entrelaçados. Quando se pensa em internacionalização, além de uma perspectiva focal, não se pode deixar de pensar em interação entre culturas ou aspectos culturais. (CLEMENTE, MOROSINI, 2019)

Na relação entre pessoas, cada qual com uma cultura própria, a internacionalização tem como suporte o desenvolvimento de competências interculturais. Essas são de difícil conceituação, mas trazem como princípio o conhecimento da cultura que se está entrando em contato, e principalmente o respeito aos padrões e aos valores do outro. Buscar-se-ia o relativismo cultural suplantando o etnocentrismo. Competências interculturais envolvem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam o indivíduo ter uma interação exitosa com pessoas de diversas formações. (DEARDORFF, 2006).



A internacionalização é um **campo interdisciplinar**, com múltiplos olhares. Os escritos não estão limitados a educação, mas escrevem educadores, administradores e outros mais. Da mesma forma, não está restrito a pesquisadores, ou seja, escrevem também profissionais de gestão da educação superior.

Ainda em termos de escritos sobre internacionalização da educação superior, o tema é moda, e está em acelerada expansão. Entre 2009 e 2013 a produção brasileira em teses e dissertações era pequena, não ultrapassava o quantitativo de 23 monografias. (MOROSINI, 2017a) E, aqui, não estou

me referindo a questão internacional. Essa, também, aumentou muito e se faz presente desde os finais do século passado. Nessa lógica, há autores e centros consolidados na América do Norte, Canadá e USA, e na UE, com destaque para a UK e a Escandinávia. Na América Latina e no Brasil, os centros voltados à internacionalização da educação superior são poucos.

Quando comparada à produção dos países do norte global com os do sul global, a primeira coisa que chama a atenção é o “time” da produção: nos primeiros, predomina o como fazer a internacionalização, no segundo a prática ainda é muito incipiente. São discutidas questões críticas tema. Na maioria dos escritos brasileiros muito se discorre sobre o conceito e suas relações com os organismos multilaterais como Banco Mundial, OMC (Organização Mundial do Comércio), OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), UNESCO. Após a CRES 2018 – Conferência Regional de Educação Superior para a América Latina e o Caribe, se fortifica a crença de uma outra internacionalização possível, baseada na concepção das epistemologias do sul, proposta por Souza Santos e Menezes (2010).

Hoje, se tem claro que o processo de internacionalização ocorre em diferentes **contextos**, dos quais o **emergente** traz potencialidades ao global sul. Esse é compreendido como:



[...] configurações em construção na educação superior observadas em sociedades contemporâneas e que convivem em tensão com concepções pré-existentes, refletoras de tendências históricas. São contextos marcados pelo *ethos* do desenvolvimento humano e social na globalização, em que há interação com outras formas de contextos. (MOROSINI, 2014)

## INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

### MATRÍCULA NA ED. SUPERIOR:

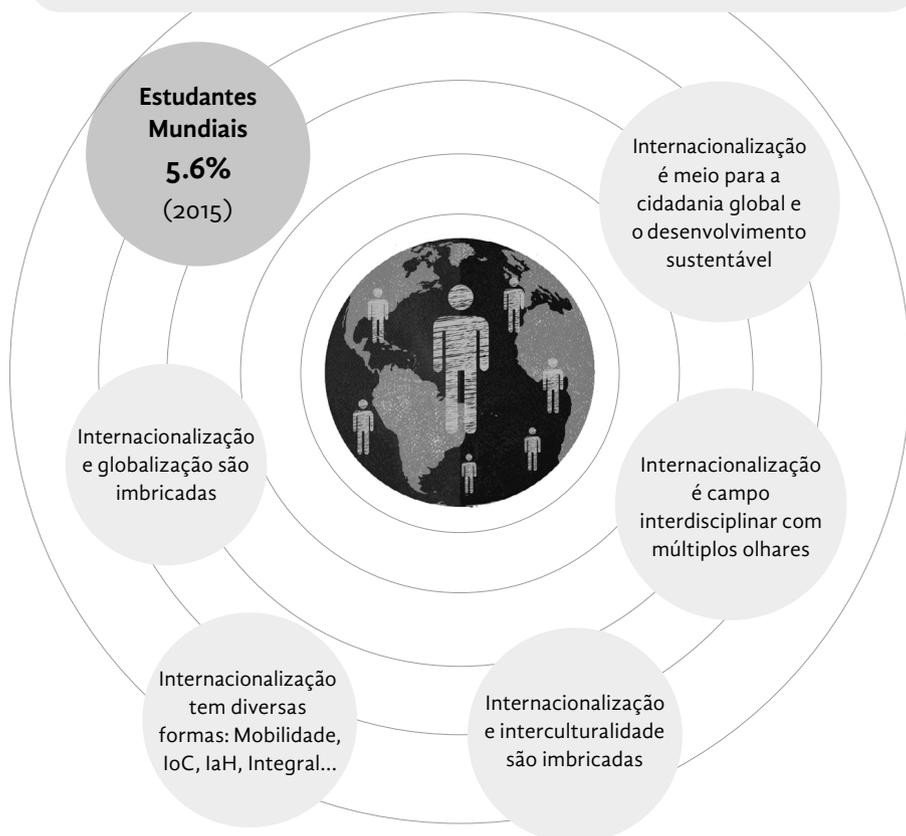
**75%** - UE&AN

**46** - AL&C

(2015)

### EDUCAÇÃO SUPERIOR:

- Expansão acelerada
- Diversificação de sistemas
- Internacionalização/critério de qualidade



**Figura 1.** Conceito de internacionalização da educação superior.

**Fonte:** <https://www.canva.com/>. Acesso em: 02 jul. 2019.

Internacionalização da educação superior é:

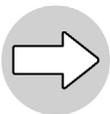


Processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural na Educação Superior, advindo de interações, sustentadas por redes colaborativas, com blocos socioeconômicos desenvolvidos e com outros que valorem múltiplas culturas, diferenças, locais e tempos, fortalecendo a capacidade científica nacional, com o fito de ser irradiador do desenvolvimento sustentável. (MOROSINI, 2017)

As questões anteriormente levantadas sobre a internacionalização estão sintetizadas na Figura 1, bem como o conceito por nós proposto.

### **Estratégias para a internacionalização universitária**

Cada vez mais essa é uma questão necessária. A estratégia mais usual é aquela ligada ao sonho do avião! Estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, gestores, enfim, a comunidade acadêmica se deslocando ou recebendo pessoas de outras instituições ou centros de pesquisa. É a internacionalização *crossborder*, transfronteiriça.



A internacionalização transfronteiriça é a que ocorre por mobilidade, seja *out* (saída de pessoas) ou *in* (receber pessoas). Consiste em todas as formas de educação superior realizadas, presencialmente, além das fronteiras do país.

Pode incluir a mobilidade de estudantes, professores e técnicos. São processos que envolvem o deslocamento físico de acadêmicos da uma instituição de origem para uma outra, no estrangeiro, com a finalidade de aprimorar a sua formação. (MINEDUCACION, 2015, p.15)

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2017), fez pesquisa junto aos programas de pós-graduação para identificar o que eles julgavam que era internacionalização e recebeu a seguinte resposta: docentes e PD visitantes ou permanentes, estrangeiros; projetos de cooperação internacional; artigos em revistas internacionais; artigos em coautoria estrangeira; aulas em outro idioma; estudantes internacionais regulares ou temporários; dupla diplomação/cotutela; estudantes estrangeiros em disciplinas; estudantes com fluência em língua estrangeira; estudantes em doutorado sanduíche. A maioria dos critérios apontados pelos programas do país implicam em mobilidade.

Todavia, está provado que a mobilidade é fator importante, mas insuficiente para internacionalizar uma universidade. Talvez, isso possa ocorrer em alguns setores da instituição, principalmente nos programas de pós-graduação considerados de excelência, inseridos em IES de pesquisa. Podemos citar como exemplo o programa CAPES PRINT (2018) que confere autonomia a pró-reitorias de pesquisa para fazer a gestão da internacionalização na instituição. Mas, lembremos que, no Brasil, somente 11,5% são programas de excelência, aqueles avaliados com a notas 6 e 7, de um total de 41.175 avaliados, em 2017. (CAPES, 2017a) *E a graduação?*

Mesmo em projetos de regiões ricas, do global norte, como a União Europeia (UE, 2010), cujo processo de Bolonha previa que 10% dos estudantes de seus países fariam uma parte de seu curso de graduação em outros locais, não se consubstanciou. E os países do global sul? Os índices de mobilidade são muito menores. E, continuariam com a mobilidade *out* para o norte, preferencialmente para USA e UE, e atraindo alguns estudantes da América Latina e África, numa balança deficitária? (MOROSINI, 2017)

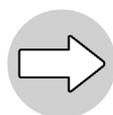
Os dados de 2015 apontam que o número de estudantes internacionais na Educação Superior, no mundo, estava ao redor de 5,6%. Mostram, também, uma expansão entre 1975-2015, mas, ainda, muito pouco se considerarmos que 94% não eram estudantes internacionais.

Mas, o tema não é somente mobilidade. Mais recentemente, mas muito pouco conhecido, inclusive de pesquisadores da área da educação,

vem se discorrendo sobre outras formas possíveis de internacionalizar uma instituição, conforme Figura 2.

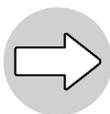


**Figura 2.** Modelos/Formas de internacionalização da educação superior.  
**Fonte:** Morosini (2019).



A **internacionalização integral** – a *comprehensive*, é conceituada como: um compromisso, confirmado através da ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas através do ensino, da pesquisa e das missões de serviço na educação superior. (HUDZIK, 2011)

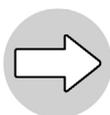
Essa forma delinea o *ethos* e os valores institucionais e afeta a instituição da educação superior em sua totalidade. Ainda, na perspectiva da internacionalização integral, Knight (2015), revisitado por Morosini, Somers e Santos (2018) aponta três tipos de gerações do tema: a clássica, a satélite e a co-fundada. A *clássica* é aquela que tem a mobilidade como fator importante, com colaboração com vários parceiros desde universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, etc. Prevê, primordialmente, o intercâmbio de professores e estudantes para qualificação em outro país, em instituição universitária qualificada, dupla diplomação, pesquisas e publicações conjuntas, etc. A *satélite*, considerada a segunda geração, é caracterizada por localização de *campi* fora da instituição mãe, em outro país e tem forte vinculação com a captação de recursos. A terceira geração de internacionalização é a universidade *co-fundada*, que implica em universidade independente licenciada em outro país por uma mantenedora.



A **internacionalização do Currículo** (IoC) é uma forma mais recente.

Conceituada como a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, bem como nos resultados da aprendizagem, tarefas de avaliação, métodos de ensino e serviços de apoio de um programa de estudo (LEASK, 2015, p.27).

O modelo de IoC abarca a internacionalização transfronteiriça (mobilidade) e a internacionalização em casa (MOROSINI, 2018).



A **Internacionalização em casa** – IaH é conceituada como a integração intencional de dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem doméstico (BEELEN & JONES, 2015).

As diferentes formas estão aí propostas e nos desafiam a construir outras, e mesmo a complementar as já existentes. As formas propostas, em sua maioria, são colocadas em contexto do global norte, assim, cabe a nós, do sul, desvelar o que praticamos; muitas vezes, uma internacionalização inconsciente e abrigada pela invisibilidade.

## Reflexões para internacionalizar a instituição de educação superior

Finalizando esse capítulo desejamos provocar a sua reflexão. Algum desses modelos, anteriormente sintetizados, como o da Mobilidade *Crossborder*, o Integral, o IoC e o IaH são utilizados na IES onde você atua, no curso, em alguma disciplina e/ou em uma unidade? Qual (is) você acha possível de ser aplicado? Por que? E como?

Para orientar na reflexão construímos esse GUIA - GIES, composto por capítulos que não tem o objetivo de dar conta do todo da internacionalização, mas, oferecer ferramentas – estratégias e ações (Figura 3) para enfrentar o desafio posto e contribuir para responder:

### Como internacionalizar a universidade?

São capítulos, reunidos em quatro eixos, que tem como foco especial a graduação. Porém, são abrangentes ao contexto universitário. São decorrentes de reflexões sobre experiências de internacionalização oriundas de atividades profissionais e/ou pesquisas vividas pelos autores (mestres, doutores e pós doutores) no grupo de pesquisa UNIVERSITAS/RIES, coordenado por mim e desenvolvidas sobre a égide do CEES/PUCRS – Centro de Estudos em Educação Superior, criado em 2009.



O primeiro eixo discute a **Internacionalização *comprehensive*** – integral (IC) aborda, a partir de vivências teóricas e práticas, o acesso e a permanência do estudante via ciclo

de estudos como uma das formas de internacionalização Integral e propõe um modelo para isso. Destaca, também, a importância da sua inserção no cenário institucional e suas estratégias no PDI, sendo instrumento avaliativo a análise *swot* para a proposição de ações a políticas institucionais.

Ainda neste eixo, a perspectiva da interculturalidade como fator imbricado ao tema, merece destaque. Propõe uma sistematização de estratégias e práticas, sendo um dos instrumentos viabilizadores, o Plano de Desenvolvimento Institucional das IES Brasileiras.



O segundo eixo discute a **internacionalização do Currículo** – loC e aborda, a partir da proposição australiana de empregabilidade, um modelo adaptado para o Brasil, considerando a perspectiva de contextos emergentes do global sul.

Nesse mesmo eixo, também, discute-se o processo de formação de redes acadêmicas científica, sua importância e o conseqüente reflexo para a qualidade nas IES. Complementa o eixo loC as relações com ensino e se propõe competências para a formação docente na perspectiva da internacionalização como experiência e o mundo.

Também, como suporte ao processo de loC, é apresentada uma proposta de institucionalização para cursos de língua estrangeira para educação superior, em nível de extensão, considerando a relação com o plano pedagógico e as necessidades e especificidades dos estudantes e de cada IES. A loC abrange a internacionalização transfronteiriça e a Internacionalização em casa, que a seguir serão explanadas

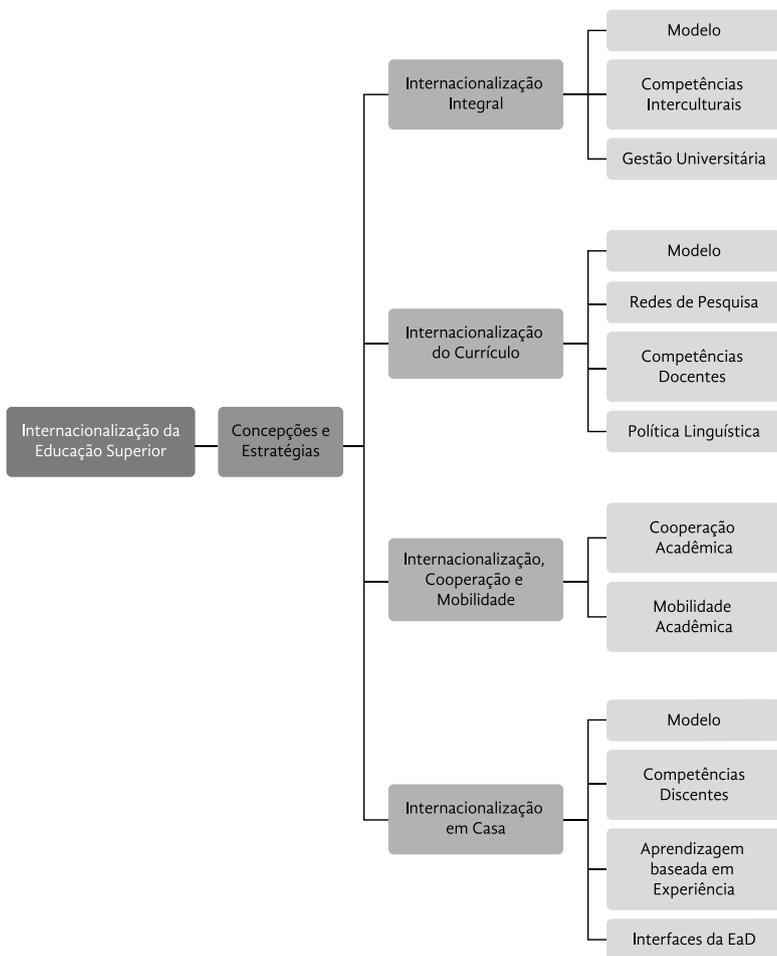


O terceiro eixo trata da internacionalização **crossborder ou transfronteiriça**. Destaca os fluxos possíveis de cooperação acadêmica pela mobilidade estudantil, a partir de um panorama de estratégias adotadas por uma universidade internacionalizada do global norte com o intuito de receber estudantes estrangeiros e qualificar sua rede de intercâmbio e de pesquisas com instituições internacionais, reflete a importância do *engagement* estudantil.



O quarto eixo – **Internacionalização em casa** – IaH aborda a atualidade do conceito no contexto brasileiro e aponta um modelo. Para isso, propõe-se um fluxo de processo para implementação de Matrizes Curriculares Cognitivas e socio-emocionais nos cursos de Graduação, constituindo-se em estratégia na formação integral dos estudantes para os desafios do século XXI.

Também, integra este eixo a metodologia de aprendizagem por experiência, difundida em países do global norte e com aportes iniciais no Brasil – PBL – *Problem Basic Learning* e *Experience-Based Learning* (EBL), e suas possibilidades de aproveitamento como impacto à internacionalização. Outra ênfase está na importância das tecnologias de comunicação e informação, com foco, nas redes *on-line* e suas potencialidades futuras. Para tanto, são discutidas as características da EAD, como a distribuição temporal e geográfica, e a mediação tecnológica, seus desafios para promoção da interculturalidade e da internacionalização.



**Figura 3.** Design do Guia para Internacionalização Universitária.

**Fonte:** elaborada pela autora.

Enfim, concluindo o capítulo. A escrita desse GUIA foi prazerosa, mas, ao mesmo tempo, instigante e ambiciosa. Tenho a consciência que o suporte de uma longa trajetória de pesquisa sobre o tema e a parceria de um grupo de autores qualificados nos ofertam a maturidade para a abordagem de um tema ambíguo e complexo. Assim, desejamos a todos uma leitura desafiante e muito provocativa.

## REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P., DE W., H. *Internationalization and global tension: lessons from history*. Journal of Studies in International Education, 2015. v. 19 (1).
- BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, Adrian; PRICOPIE, Liviu Mateus; SCOTT, Jamil Salmi (Eds.). *The European higher education area: Between critical reflections and future policies*. Dordrecht: Springer, 2015, p. 67-80.
- CAPES. *A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes*. Brasília, Diretoria de Relações Internacionais, 2017.
- CAPES. *Avaliação quadrienal em números, 2017*. Brasília: CAPES, 2017 a. Disponível em: [www.capes.org.br](http://www.capes.org.br). Acesso em 7 jul. 2019.
- CAPES PRINT. Programa institucional de Internacionalização CAPES. Disponível em: <https://capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-cap>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CLEMENTE, F., MOROSINI, M. Competências Interculturais: interlocuções conceituais e uma proposta de releitura para a Educação Superior. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo: USP, 2019.
- CLIFFORD, V. HAIG., M. Internationalization of the curriculum comes of age. *University World News – The Global Window on He*. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20181120132725749>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- DEARDORFF. Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalization. *Journal of Studies in Intercultural Education*. V.10, n.3, 2006, p.241-266.
- HUDZIK, J. K. *Internationalization Comprehensive*. NAFSA, 2011. Disponível em: <http://www.nafsa.org/simonaward>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- KNIGHT, J. International universities: misunderstanding and emerging models? *Journal of Studies in International Education*. Thousand Oaks: California, v. 19 (2), p. 107-121, abr. 2015.
- LEASK, B. *Internationalizing the Curriculum*. Routledge: New York, 2015.
- MINEDUCACIÓN. *Guías para la internacionalización de la educación superior: movilidad académica*. Bogotá: MINEDUCACION, 2015.

MOROSINI, M. Avaliação da educação superior no Brasil: entre rankings globais e avaliação institucional. In: Oliveira, Joao; CATANI, Afrânio; SILVA JR., João (org.). *Educação Superior no Brasil: em Tempos de Internacionalização*. São Paulo: Xamã, 2010, v. 01, p.79-104.

MOROSINI, M. Qualidade da Educação Superior e contextos Emergentes. *Avaliação*. Campinas: Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 385-405.

MOROSINI, M. *Internacionalização da Educação Superior e integração acadêmica*. Conferencias UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 6.12.2017.

MOROSINI, M., NASCIMENTO, L. Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. *Educação Em Revista*, v.33, p.01-27. Belo Horizonte: UFMG, 2017a.

MOROSINI, M. Internacionalização do currículo: a produção em organismos internacionais. *ROTEIRO*, Joaçaba, v. 43, n. 1, jan. /abr. 2018, p. 115-132. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/13090/pdf> Acesso em: 21 jun. 2019.

MOROSINI, M., DELLACORTE, M. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, M. (Ed.) *Enciclopédia Brasileira De Educação Superior – Ebes*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2019. (no prelo).

SOMERS, P., MOROSINI, M., SANTOS, B. Internacionalização da educação superior em universidades latino-americanas: reflexões com base em modelos do atlântico norte. LASA CONGRESS, 2018. Latin American studies in a globalized world. *Anais...* Associação de Estudos Latino-Americanos, Barcelona, 23 a 26 de maio de 2018. LASA2018 Congress Papers.

SOUSA SANTOS, B. de; MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

ONU. *Agenda 2030*. 2015. <http://www.agenda2030.com.br/>. Acesso em: 5 jul. 2019.

TROW, M. Edited by BURRAGE, M. *Twentieth-Century Higher Education: elite to mass to universal*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

UNESCO. *Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO. *Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo 2018*. Paris: UNESCO, 2018

UNESCO. *Educação 2030: Declaração de Incheon e marco de ação, rumo a uma educação de qualidade, inclusiva e à educação ao longo da vida para todos*. Disponível em: <http://www.unesdoc.unesco.org>. 2015. Acesso em: 21 jun. 2019.